

LABORATÓRIO INTERNACIONAL PARA O HABITAT POPULAR (LIHP)

Jean-François Parent
Pascal Acot

As contribuições do Laboratório Internacional para o Habitat Popular (LIHP), no presente número de *Ciência & Ambiente*, constituem oportunidade para prestar um depoimento sobre a evolução de um projeto, desde suas hipóteses de partida até as escolhas que hoje o estruturam. Não se trata absolutamente de apresentar resultados “exemplares”, mas de disponibilizar ao julgamento dos interessados nossas experiências particulares e alguns resultados. É nesse sentido que escrevemos, porque nosso campo – em vários continentes – e nossas práticas – de vários anos – nos ensinaram que toda experiência em matéria de habitat, apesar de seu caráter particular, comporta uma dimensão universal.

Abordemos a questão sob duas perspectivas, passíveis de provocar reações e contribuições dos leitores desta revista. A primeira diz respeito ao tipo de pesquisa que anima o projeto do LIHP (pesquisa-ação estratégica), com frequência, objeto de interrogações por parte de alguns cientistas. A segunda refere-se diretamente aos conceitos de

meio ambiente e desenvolvimento sustentável que, na maioria das vezes, são levados em conta pelos responsáveis por programas de desenvolvimento urbano e por projetos arquitetônicos.

A partir desses dois enfoques e considerando as propostas do Laboratório, devem-se perceber as marcas de um comprometimento profissional, científico e político fundamentado na vontade

de associar processos de construção do habitat (as infraestruturas e os modos de vida que as mesmas permitem) e a construção de um saber popular (adjetivo que deve ser entendido no sentido de “povo” e não de “pobres”).

Tal ambição dá a medida das dificuldades,

das dúvidas e dos debates que suscita e dos quais a história do LIHP é testemunha, assim como é testemunha da riqueza do trabalho de elaboração teórica e estratégica realizado na construção de projetos concretos, mais particularmente em Usme, Bogotá, que apresenta uma situação cujas características e cuja complexidade permitiram – e continuarão a permitir – um trabalho coletivo bastante frutífero.

*Não se trata
absolutamente de
apresentar resultados
“exemplares”, mas de
disponibilizar ao julgamento
dos interessados nossas
experiências particulares
e alguns resultados*

DEPOIMENTO DE UMA EVOLUÇÃO: O LIHP E AS QUESTÕES DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

As questões relativas ao desenvolvimento sustentável foram abordadas em Medellín, por ocasião da criação do LIHP, em outubro de 2008, sem grandes debates: sem dúvida porque a visibilidade e a importância dessas questões se impunham a todos, a ponto de o nome proposto para designar o laboratório (Laboratório Internacional para o Habitat Popular Sustentável) ter sido aprovado por unanimidade. Hoje, é interessante procurar entender e analisar como as posições se tornaram claras e seguras, e porque ficaram distintas a ponto de dispensar da sigla a consoante inicial do termo “sustentável”, enquanto as questões ambientais eram cada vez mais consideradas e indubitavelmente integradas aos procedimentos de trabalho do LIHP e aos projetos que alimenta.

As oposições cristalizaram-se progressivamente em dois planos: o estatuto do LIHP, orientado pela pesquisa e pela experimentação; a percepção das questões ambientais e as abordagens privilegiadas.

No que concerne aos procedimentos gerais do trabalho realizado no Laboratório, pode-se ressaltar, no estágio atual, a importância do tipo de estatuto e de engajamento das pessoas reunidas em Medellín: umas, eleitas e responsáveis por programas de organização urbana (densificar um habitat, isolar os prédios, diminuir o tráfego, privilegiar as energias renováveis e os materiais de origem local); outras (arquitetos, urbanistas, pesquisadores), menos diretamente implicadas nos trabalhos de campo; as primeiras, impelidas pela urgência; as últimas, pela pesquisa de soluções alternativas e assim animadas pela vontade de

analisar as condições econômicas, técnicas, culturais, políticas etc. que determinam, em dado momento, os programas de urbanismo e construção. Desse modo, as oposições latentes objetivavam o essencial: as tarefas e o funcionamento do Laboratório. Estrutura especializada, fonte de proposições *versus* parceria incentivadora de pesquisas compartilhadas; membro de uma rede internacional e agente fomentador de redes *versus* estrutura ativa de análise, pesquisa e produção de “saberes”.

A via da pesquisa não se impôs simplesmente pela ausência de modelos a imitar! Desde o começo, afirmou-se como uma necessidade cuja dinâmica está enraizada nas escolhas democráticas e políticas. As investigações foram rapidamente enriquecidas quando da elaboração de projetos concretos, sobretudo em Usme e Stains, quando surgiram questões com a fluidez das noções de “habitat”, “cidade”, “ecologia global”, “crise da cidade”... Alavanca ou chave do problema: a associação dialética da produção do habitat popular com a construção popular de um saber para habitar; conscientização de um poder e de um saber em construção, que responsabiliza e emancipa, ultrapassando as questões ambientais e ecológicas.

Com efeito, como esperar resolver tais questões sem refutar a justaposição de abordagens setoriais fragmentadas, consideradas independentemente da natureza e da localização dos empregos, das questões de saúde, educação e formação, do tipo de habitat e urbanismo a serem privilegiados? O caso particular, as características específicas, as escolhas dos indivíduos eleitos em Bogotá e suas interrogações quanto ao lugar de Usme no plano de desenvolvimento da cidade pelo período 2012-2016, exigem aprofundamento da questão das clivagens

entre urbano e rural, cidade e bairro, subúrbio e campanha e, mais globalmente ainda, da questão dos seres humanos na biosfera, através de suas concretas dimensões históricas, políticas, econômicas, sociais.

Pode-se perceber, então, as marcas de uma dupla evolução bem significativa: de um lado, a expressão crescente de uma real nostalgia pela “utopia do vilarejo” e, de outro, o recurso mágico à expressão *meio ambiente*, que se substitui às significações plurais de *meio* (natural, humano, social), dupla evolução que demonstra uma vontade insidiosa de desresponsabilização social: escapismo através do sonho idílico do campo, refúgio dos urbanos que buscam fugir das situações difíceis que a cidade lhes impõe, e submissão dos consumidores, predadores culpabilizados e condicionados às injunções dos *experts*, quando não de militantes que se tornam *esper-tos* adotando a linguagem dominante.

A mesma tendência à separação das atividades e dos espaços é reforçada pelas representações “paisagísticas” do espaço rural, que, valorizando a percepção estetizante, transforma-o num cenário a ser completado, um cenário para atividades de lazer e de repouso, alargando-se, dessa forma, os espaços urbanos equipados com as mesmas intenções. O campo assim pensado, é aquele dos especialistas urbanos para os urbanos e seguramente não aquele que eles realmente encontram, nem aquele que os agricultores vivem e pensam. Portanto, convém aprofundar ainda as reflexões sobre o traba-

lho (mais amplamente, sobre as atividades de produção e de criação) na cidade, bem como sobre o antagonismo cidade/campo e todas as questões decorrentes que acabamos de lembrar.

Assim, o LIHP se propõe a conceber e a construir (construindo-a) uma nova realidade, uma nova urbanidade, rompendo com as oposições e as separações, que só conseguem expressar, no plano espacial, a divisão fundamental: a do trabalho, de que são testemunhas a rejeição dos trabalhadores pelo seu alojamento na periferia das cidades e a construção de bairros destinados exclusivamente a alojá-los – sem lhes permitir habitar verdadeiramente...

*O LIHP se propõe
a conceber e a construir
(construindo-a) uma nova
realidade, uma nova
urbanidade, rompendo
com as oposições e as
separações, que só conseguem
expressar, no plano espacial,
a divisão fundamental:
a do trabalho*

UMA INICIATIVA INOVADORA

Essa iniciativa, que se insere exemplarmente no debate mundial sobre as questões da habitação, pode ser caracterizada da seguinte maneira: trata-se de investigar e implementar, com os atores econômicos, culturais, sociais – particularmente as populações –, as condições e os meios de conceber, executar e avaliar um processo de transformação que permita construir um habitat popular progressista e emancipador; isto significa pensar o desenvolvimento urbano a partir do habitat popular, e não dissociar a construção do habitat (construir a cidade) da construção de um saber popular sobre o modo de habitar (novos valores sociais, novo estilo de atividades).

Conforme demonstram as contribuições do LIHP neste número especial de *Ciência & Ambiente*, tal iniciativa faz

parte do programa de desenvolvimento urbano de Bogotá para o período 2012-2016, integrando a situação de Usme numa reflexão global sobre a urbanização da cidade, em particular no que diz respeito à organização das zonas atualmente “periferizadas” (nas franjas ou adjacências de seus limites). O propósito é considerar essas zonas não como transições entre dois espaços de estatutos distintos, mas como partes de um todo no qual devem descobrir suas funções e especificidades. Restam algumas hipóteses a ser investigadas: por exemplo, o conceito de *franja* como instrumento de reflexão sobre o desenvolvimento urbano e sobre a neutralização da oposição cidade-campo.

Assim, a pesquisa-ação como processo social de pesquisa e experimentação se encontra no seio da metodologia do LIHP. Trata-se de uma iniciativa global, holística, científica e aberta, atuante e inventiva, questionando as condições e os sistemas que determinam os fatos, uma iniciativa formadora, emancipadora e responsabilizante... Em resumo, anima o projeto a vontade de não separar a ideia da ação, tendo sempre em vista os participantes, a vontade progressista em matéria de produção de saber, requisitos que vão ao encontro das ambições da educação popular.

Para o LIHP, o projeto de Usme/Bogotá constitui, por suas características, por suas ambições e pelos engajamentos que já suscitou, uma fonte de

responsabilidades e interrogações fundadoras em vários planos. Como veremos nos textos a seguir, cada um avalia, com entusiasmo e modéstia, a oportunidade que tem de proceder a esclarecimentos e a estudos mais aprofundados de que necessita a problemática mundial para um habitat popular que se substitua, afinal, aos impasses da moradia social.

Enfim, o trabalho atual do LIHP de concepção e organização de uma exposição inspirada na obra do arquiteto venezuelano Carlos Raul Villanueva (1900-1975), bem como na história da arquitetura de seu país e da arquitetura mundial, e ainda nos significados que essa obra assume no presente, levou o Laboratório a propor novos e decisivos questionamentos, em particular a respeito da noção de modernidade(s). Com efeito, essa exposição itinerante (no plano internacional) e interativa (será enriquecida a cada uma de suas etapas pelas produções advindas de ateliers específicos) é indissociável das pesquisas conduzidas atualmente para concretizar “um segundo episódio da modernidade venezuelana” e para compreender melhor (para melhor combater) as posições dominantes, na maior parte das vezes impostas por aqueles que, “sabendo”, pensam para os outros. Trata-se também de uma oportunidade aberta ao Laboratório para enriquecer conceitualmente sua vontade progressista em matéria de análise do real, de produção de saberes e, portanto, de educação popular.

Jean-François Parent é fundador do Laboratório Internacional para o Habitat Popular (LIHP), França.
jparent@lihpinfo

Pascal Acot é filósofo, doutor em Letras e historiador da ciência no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), França.

acot@univ-paris1.fr